



ASSOMBROS E ESPANTOS
NA FANTASFERA NACIONAL





ASSOMBROS E ESPANTOS NA FANTASFERA NACIONAL

Adriano Messias

A literatura fantástica no Brasil sempre sofreu os reverses de um pensamento de elite que privilegiava o que se costuma denominar "literatura realista". Jorge Luis Borges já desconstruiu esta ideia ao afirmar, em suas belas preleções, que uma enorme parte da produção escrita é fantástica, desde a Antiguidade. A provocação do grande argentino cabia bem em tempos em que se olhava com vésias as interessantíssimas criações do insólito.

Em nosso país, a literatura fantástica tem expressões multifacetadas que ainda estão por ser valorizadas. Nesta exposição, que muito me honra como curador, estão representados alguns escritores de todas as regiões brasileiras, dos séculos XIX, XX e XXI, que simbolizam a diversidade das criações do fantástico, sem nos vincularmos ao encarceramento dos "ismos" que solapam tantas vezes as boas ideias.

O viés que demos a esta exposição já se verifica em seu título: "Assombros e Espantos". Quisemos privilegiar as "histórias de assombração", tão caras às nossas tradições, e, em grande medida, hoje, reinventadas e mesmo criadas. Torna-se, esta iniciativa, também um estímulo para a revalorização de nossos "causos" de arrepiar. Para esta antologia, dispensamos, porém, o rigor das classificações de movimentos e escolas literárias, ou ainda nomes autorais que estariam mais vinculados a produções que se assemelham a uma mímesis de best-sellers importados. Interessou-nos um vínculo direto dos autores com as diversas expressões culturais brasileiras e, ao mesmo tempo, com uma preocupação formal, não apenas conteudística. São nomes tanto da chamada literatura infantojuvenil quanto da adulta - se bem que tais limites são sempre discutíveis -, nomes estes interessados nas recriações de nosso frutuoso imaginário.

O fantástico, dentro do qual estão as "histórias de assombração", é, em nosso entender, um protótipo: o horror e a ficção científica, os assombros biotecnológicos e os encantos feéricos são igualmente cabíveis em seu polimorfo corpo aglutinante. Claro, pois se o monstruoso e o estranho são algumas de suas variantes, é esperado que a literatura fantástica não seja reducionista e se expresse com o mesmo hibridismo que caracteriza a fabulação em torno de suas criaturas espantosas.

O termo "fantasfera", cunhado por nós em nossa tese de doutoramento, é uma tentativa de tratarmos da grande esfera do fantástico que, de forma ampla e fértil, enreda e enraíza nosso mundo.

Damos, assim, as boas-vindas ao leitor a uma brevíssima e, claro, despretensiosa representação de nosso delicioso bestiário. Temos, aqui, o sabor dos antigos causos de assombração, as "atualizações" de lendas ou criaturas, além da presença do jocoso e do pícaro que tantas vezes assinalam os percursos da literatura nacional.

Mais do que apenas uma enumeração de nomes ou trechos de livros, queremos uma exposição que seja igualmente incentivo a futuros grandes leitores e escritores. Possa esta antologia frutificar em bons projetos nas bibliotecas de nosso querido estado de Minas Gerais!

ASSOMBROS E ESPANTOS NA FANTASFERA NACIONAL

ADRIANO MESSIAS (Lavras – MG)

Boitatá no bosquete

Enfie a cara por uma brecha no mato e vi uma cobra de fogo, maravilhosa, de fagulhar límpido, clareando o bosquete, de um lado a outro, entreplanando sobre a vegetação rasteira. Era comprido o boitatá, parecendo um ônibus, um vagão de metrô, porém, com piso baixo. Cintilava em fosforescência esverdeada sua parte inferior, uma beirada que acompanhava o bicho de cabo a rabo, como um rodapé. Na frente, arredondados e enormes, dois olhos vítreos que pareciam engolir tudo o que fosse vida, todo o brilho dos olhos dos bichos da mata que foram despertos.

Boitatá engoliu o olhar do mico assustado, do bugio enfezado, das rãs tortíssimas, espremidas nos caules estalantes da taboa. Engoliu também o brilho dos olhos de meu bezerrinho branco, assustado e parvo, que foi enlevado aos céus em um jato de luz clara e açucarada, e desapareceu dentro da cobra bravia – boiguaçu que por séculos assustou a indiazada.

Vi os olhinhos de nada das perdizes, míopes e fotofóbicas, se fechando para nunca mais abrirem. Vi jaguatirica – da pequena e da grande – correr bosquete afora, desgalhada e friorenta.

A cobra grande, pensei eu, estava enorme, redonda e bellissima, grávida da lua, a qual tinha engolido na última ivernada. (...)

Se o boi guarda o rúmen do milho cheiroso e a galinha guarda a pasta de minhoca e querela na pedrinha da moela, então o que guardaria cobra-de-fogo?

(...)

É porque olho de bicho é coisa sagrada. E qualquer olhar é de Deus, merece compaixão. Daí, vi eu, como o índio viu há quinhentos anos, a barrigona redonda se transparentar, ficar translúcida como tripa fina cheia de ar, parecendo que iria estourar, que me levaria junto – eu, os dipozinhos amarelos de nada e os bichinhos tontos que se aninhavam neles. A luz do boitatá era uma luz diferente, além do sol, além da lua, além de qualquer farol de carros...

Vi o ser encantado se erguendo no ar, como aqueles dragões chineses que tantas vezes admirei nos livros. (...)

Cobra não-criada, planou uma última vez sobre minha cabeça, fazendo apenas um zummm quietinho e morno, imperceptível quase. Lá dentro, suspeitei ver as coisas que ela tinha comido aquela noite: bichos sortidos, pés e mãos, braços e cabeças – todos mui pequeninos. Parediam de bonecos.

(...)

Zás-trás! Lá se foi, cobra feiticeira, rainha do breu da noite, levando saudade para acima das nuvens. Piscou uma vez mais e, ágil como a luz, desapareceu na abóbada do dia que, naquela hora, sim, começava a me clarear.

Só Deus pode proteger os incrêus da loucura que é não querer ver o que se mostra a todo instante.

(MESSIAS, Adriano. *Boitatá no bosquete*. In: *Histórias mal-assombradas do espaço sideral*. Série "Contos para não dormir". Vol. 6. São Paulo: Editora Biruta, 2012.)

Ilustração de Alexandre Teles



ASSOMBROS E ESPANTOS NA FANTASFERA NACIONAL

AFONSO ARINOS (Paracatu—MG)

Uma noite sinistra

Subiu a um banco de recosto alto, unido à parede, e chegou o rosto perto do oratório, procurando examiná-lo por dentro, quando um morcego enorme, alvoroçado, tomou susto, diziendo, e foi pregar-se ao teto, donde os olhinhos redondos piscaram ameaçadores.

- Que é lá isso, bicho amaldiçoado? Com Deus adiante e com paz na guia, encomendando Deus e a Virgem Maria!... (...)

Neste instante, pareceu-lhe ouvir chascos de mofa nas vozes do vento e nos assobios dos morcegos; ao mesmo tempo, percebia que o chamavam lá dentro; Manuel, Manuel, Manuell, em frases tartamudeadas. O arrieiro avançou como um possesso, dando pulos, esfaqueando sombras que fugiam. (...)

Era como uma chusma de meninos endemoninhados a zombarem dele, puxando-o daqui, beliscando-o d'aquela, açulando-o como a um cão de rua. (...)

De um salto, foi cair no meio das formas impalpáveis e vacilantes: um fragor medonho se fez ouvir; o assoalho podre cedeu e um barrote, roído de cupins, baqueou sobre uma cousa que se desmoronava embaixo da casa.

O corpo de Manuel, tragado pelo buraco que se abriu, precipitou-se e tombou lá embaixo. Ao mesmo tempo, um som vibrante de metal, um tilintar como de moedas derramando-se pela fenda de uma frisqueira que se racha, acompanhou o baque do corpo do arrieiro.

Manuel, lá no fundo, ferido, ensanguentado, arrastou-se ainda, cravando as unhas na terra como um ururau golpeado pela morte; em todo o corpo estendido com o ventre na terra perpassava-lhe ainda uma crispção de luta; sua boca proferiu ainda: "Eu matei! Eu matei! Ma..." - e um silêncio trágico pesou sobre a tapera.

(ARINOS, Afonso. *Uma noite sinistra*. In: COSTA, Flávio Moreira da (org.). *Os melhores contos fantásticos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.)



ASSOMBROS E ESPANTOS
NA FANTASFERA NACIONAL

ALMIR CORRÊA (Ponta Grossa – PR)

O pescocinho

As 21 horas e 30 minutos, uma mão de luva tocou o ombro de Jéssica.

"Sei que você não gosta de namorados que se atrasam."

Jéssica virou-se para o jovem vampiro de voz aveludada.(...)

"Jéssica, não me esconda mais este seu lindo-delicioso pescocinho com pérolas falsas!"

Imediatamente, Jéssica arrancou o colar.

E as pérolas mentirosas foram caindo-pulando na calçada.

E o jovem vampiro passou a lamber todo aquele adorado pescocinho.(...)

O jovem vampiro abriu a boca e os dois dentes caninos foram crescendo e crescendo em direção ao pescocinho.(...)

E o corpo de Jéssia amoleceu nos braços do jovem vampiro.

E o corpo de Jéssica desfaleceu até o chão...

E o pescocinho ficou marcado com os dois buracos roxos da mordida.

A! O pescocinho!...

Que pescocinho!!!

(inspirado em Vozes de um túmulo, de Augusto dos Anjos)

(CORRÊA, Almir. *O Pescocinho*. In: 13 contos de medos e arrepios com poemas de Augusto dos Anjos. São Paulo: Noovha America, 2011.)



Ilustração de Alexandre Jubran

EXPOSIÇÃO LITERÁRIA ITINERANTE DA SUPERINTENDÊNCIA DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS



ASSOMBROS E ESPANTOS
NA FANTASFERA NACIONAL



ÁLVARES DE AZEVEDO (São Paulo, SP)

Meu sonho

Eu
Cavaleiro das armas escuras,
Onde vais pelas trevas impuras
Com a espada sanguenta na mão?
Por que brilham teus olhos ardentes
E gemidos nos lábios frementes
Vertem fogo do teu coração?

Cavaleiro, quem és? o remorso?
Do corcel te debruças no dorso...
E galopas do vale através...
Oh! da estrada acordando as poeiras
Não escutas gritar as caveiras
E morder-te o fantasma nos pés?

Onde vais pelas trevas impuras,
Cavaleiro das armas escuras,
Macilento qual morto na tumba?
Tu escutas... Na longa montanha
Um tropel teu galope acompanha?
E um clamor de vingança retumba?

Cavaleiro, quem és? – que mistério,
Quem te força da morte no império
Pela noite assombrada a vagar?

O Fantasma
Sou o sonho da tua esperança,
Tua febre que nunca descansa,
O delírio que te há de matar...

(AZEVEDO, Álvares de. *Meu sonho*. In: *Lira dos vinte anos*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1998.)





ASSOMBROS E ESPANTOS
NA FANTASFERA NACIONAL

BERNARDO GUIMARÃES (Ouro Preto - MG)

A dança dos ossos

- O quê!... meu amo? Eu atravessar o caminho dessa mata em dia de sexta-feira?! (...)
- Mas que há nesse caminho?... conta-me, eu não vi nada.
- E nem podia ver; o que lhe valeu foi não ser hoje sexta-feira, senão havia de ver como eu vi... (...)
- Que acontece?...
- Acontece o que já me aconteceu, como vou lhe contar.
(...)

Já eu ia entrando na mata, quando me lembrei que era sexta-feira. Meu coração deu uma pancada e a modo que estava me pedindo que não fosse para diante. (...)

Por fim de contas, veio vindo lá, de dentro da sepultura, uma caveira branca como papel, e com os olhos de fogo; e dando pulos como sapo, foi se chegando para o meio da roda. Daí começam aqueles ossos todos a dançar em roda da caveira, que estava quieta no meio, dando de vez em quando pulos no ar (...).

Daí a pouco os ossinhos mais miúdos dançando, dançando sempre e batendo uns nos outros, foram se ajuntando e formando dois pés de defunto. (...)

Os ossos dos quadris, as costelas, os braços, todos esses ossos que ainda agora saltavam espalhados no caminho, a dançar, a dançar, foram pouco a pouco se ajuntando e embutindo uns nos outros, até que o esqueleto se apresentou inteiro, faltando só a cabeça. (...) O esqueleto pega na caveira e começa a fazê-la rolar pela estrada, e a fazer mil artes e piruetas; depois entra a jogar peteca com ela, e a atirá-la pelos ares mais alto, mais alto, até o ponto de fazê-la sumir-se lá pelas nuvens (...).

Mas ainda não contei tudo. O maldito esqueleto do inferno - Deus me perdoe! -, não tendo mais nem um ossinho com quem dançar, assentou de divertir-se comigo (...).

Eu não vi mais nada depois, fiquei atordoado. Pareceu-me que o burro saiu comigo e com o maldito fantasma, zunindo pelos ares, e nos arrebatava por cima das mais altas árvores. (...)

A porteira da manga estava fechada; como é que esse burro pôde entrar comigo para dentro, é que não sei. Portanto ninguém me tira da cabeça que o burro veio comigo pelos ares. (...)

Mandei dizer duas missas pela alma de Joaquim Paulista, e jurei que nunca mais havia de pôr meus pés fora de casa em dia de sexta-feira.

(GUIMARÃES, Bernardo. *A dança dos ossos*. In: *Lendas e romances*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.)





ASSOMBROS E ESPANTOS NA FANTASFERA NACIONAL

CÂMARA CASCUDO (Natal - RN)

A moça e a vela

Minha filha - dizia sempre a mãe de uma moça que tinha por costume ficar à janela até as tantas da noite - quem se deixa ficar à janela até alta hora vê coisas, que não deve ver. Isto é exemplo dos antigos que sabiam mais do que nós.

- Qual o quê! - dizia a moça, nunca vi nada de espantar. Não tenho sono, não hei de dormir com as galinhas.

(...)

Vai por uma vez estava a teimosa à janela, quando ao soar a última badalada da meia-noite, viu-se aproximar uma figura, envolta num hábito muito branco, caminhando apressado e trazendo, numa das mãos, uma vela acesa. A moça estava tão distraída, a pensar nos seus amores e naquele que esperava, que nem pavor sentiu. Foi como se não tivesse visto nada.

O desconhecido saudou-a e, apagando a vela, pediu-lhe que lhe guardasse até a sua volta.

Maquinalmente a rapariga foi colocar a vela sobre o leito e, quando voltou, já não encontrou mais o desconhecido.

(...)


As duas da madrugada, que é quando as almas penadas se recolhem, ela ainda estava apreciando a noite. O desconhecido chegou-se rapidamente e pediu-lhe a vela.

A moça foi buscá-la ao leito, mas, soltou um grito de horror. Em vez de vela, se lhe apresentou um esqueleto, estendido na cama. A caveira ergueu-se e foi, diante de seus olhos, saindo pela janela, como se fosse uma pluma.

Desde esse dia a moça ficou pateta, rindo e chorando à toa, e foi exemplo a todas as filhas desobedientes, no lugar onde esse caso se deu.

(CASCUDO, Luís da Câmara. *A moça e a vela*. In: *Contos tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2001.)

Ilustração de Eve Ferratti





ASSOMBROS E ESPANTOS NA FANTASFERA NACIONAL

CLÁUDIO FRAGATA (Marília - SP)

Uma história bruxólica

Vovó então me explicou. Na época em que nossos antepassados moravam lá, as ilhas dos Açores pertenciam ao rei de Portugal. Eles viviam numa ilha cercada por um mar muito azul e teriam ficado ali para sempre se não fossem os vulcões que entravam em erupção pelo menos treze vezes ao ano. Uma coisa horrível porque a ilha era bem pequena e as pessoas não tinham onde se esconder.

Eu ficava sempre impressionado com a explicação da vovó para a origem dos tais vulcões. Ela garantia que era bruxaria e não um fenômeno natural como os outros vulcões do planeta. Dizia que o arquipélago dos Açores era repleto de bruxas velhas, que roubavam os barcos dos pescadores para se espalhar pelo mundo. Outras foram dar na Índia, outras atravessaram o oceano Atlântico para viver aqui, entre a gente. Não era muito fácil perceber a presença delas porque costumavam se transformar em lamparinas, corujas e até em pedras.

(FRAGATA, Cláudio. Uma história bruxólica. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2012.)

Ilustração de Lúcia Brandão



FIGUEIREDO PIMENTEL (Macaé - RJ)

A casa mal-assombrada

Isolada de outras habitações havia uma casa onde ninguém morava, porque se dizia que era mal-assombrada; à meia-noite ouviam-se ruídos de correntes, gritos, gemidos e suspiros, e uma luzinha brilhava, ora numa janela, ora noutra. O proprietário não achava alugador, e mesmo não queria saber dela, que ia se arruinando pouco a pouco.

Um dia procuraram-no duas mulheres - mãe e filha - muito pobres, que acabavam de ser expulsas da casinha em que moravam. (...)

As duas mulheres no mesmo dia mudaram-se.

Eram onze horas da noite quando foram se deitar, nada tendo visto nem ouvido de extraordinário. A mãe, como já era velha, e se sentia cansada das arrumações, dormiu logo. A filha, porém, ficou acordada, rolando na cama, sem conseguir adormecer.

Uma hora depois, ouviu o sino da matriz bater meia-noite. No mesmo instante a moça escutou um ruído estranho, enquanto uma voz gemia:

- Eu caio!... eu caio!...

Ela olhou para cima, de onde parecia vir a voz. Nada viu, mas disse:

- Pois caía, com Deus e a Virgem Maria!

Do teto do quarto caíram duas pernas.

A mesma voz assim falou mais três vezes, e a rapariga dando sempre a mesma resposta, viu cair sucessivamente o tronco, os braços e a cabeça de um homem.

Os quatro pedaços reuniram-se, e apareceu uma criatura humana, tão pálida como um cadáver, que lhe falou:

- Se não tens medo, vem comigo!

Adelaide acompanhou-o atravessando toda a casa, até chegarem ambos ao quintal.

Aí debaixo de um tamarindeiro, o morto mandou-a cavar a terra, encontrando uma lata com dinheiro, que transportaram para dentro.

Chegando ao quarto, disse-lhe o defunto:

- Eu sou uma alma penada, que ando sofrendo por causa deste dinheiro. Quando era vivo, roubei-o de uma pobre viúva, desgraçando-a, bem como o aos órfãos, seus filhos. Deste dinheiro, a metade é para você e sua mãe, e a outra metade é para distribuir com os pobres, e mandar dizer cem missas por minha alma.

Acabando de falar, a alma penada desapareceu.

Adelaide fez tudo o que ele havia mandado, e ficou rica para o resto de sua vida.

(PIMENTEL, Figueiredo. *A casa mal-assombrada*. In: *Histórias da Avozinha*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Garnier, 1994.)





ASSOMBROS E ESPANTOS NA FANTASFERA NACIONAL

GILBERTO FREYRE (Recife – PE)

No Riacho da Prata

Mas no Brasil antigo as águas dos rios, dos riachos, dos açudes não se tornavam, noite de São João, apenas purificadoras. Também reveladoras do futuro das pessoas que se debruçassem sobre elas. (...)

Chegou-se a iaiá bem para perto do riacho. Afoiteza da moça, pois essas águas há muito tempo tinham fama de mal-assombradas. (...) guardavam a prata escondida pela judia rica no tempo da Inquisição. As águas onde havia quem jurasse aparecer o fantasma de Branca Dias, "botando sentido na prata". (...)

Debruçou-se a moça sobre as águas do riacho. Parece que não viu imagem nenhuma – nem de noivo nem a própria – porque debruçou-se mais, inquietando com isso a fiel mucama. E ia a mucama gritar "laiá, não se debruce mais", quando primeiro que ela gritou a moça: "Me acuda, Luzia! Me acuda que ela quer me levar!" "Ela" era com certeza a judia rica.

Correu a mucama mas já sinhazinha tinha desaparecido nas águas do riacho da Prata. E para a mucama não havia dúvida: o fantasma de Branca Dias levava a outra branca para o fundo das águas. Para o meio das pratas finas sepultadas no fundo do riacho. Ainda hoje há quem às vezes veja, noite de lua, duas moças nuas no meio das águas da Prata. Dizem que uma é Branca Dias e, a outra, a sinhazinha que se sumiu no riacho noite de São João.

(FREYRE, Gilberto. *No Riacho da Prata*. In: *Assombrações do Recife Velho*. São Paulo: Global Editora, 2008.)





ASSOMBROS E ESPANTOS NA FANTASFERA NACIONAL

HÉLIO SEREJO (Nioaque – MS)

Casa de monjolo

Casa de monjolo, batedor e lamuriendo, é ninho que abriga tudo: cobra coleante, aranha, lacraia, escorpião, sapo e tico-tico, que vem encher o papo de farelo para a farra do pôr-do-sol. É abrigo também da pomba-rola e do chupim, matreiro e negaceador, que se empanturram, ao pé do pilão, catando a sobra que a mão atira no chão, para a comida das almas que estão penando, com fome e sem guarida, espiando a culpa terrena e pagando os pecados, frutos dos erros da vivência sem amor, sem prece e sem crença.

Casa de monjolo – dizem os entendidos – é pouso de assombração, porque o pan...cho...pan do monjolo soluçante, na mágoa legendaria, acaricia e traz ternura ao seu sono, que é o sono que o vento dorme, embalando a natureza, que é a mãe, iluminada e suprema, de todas as crenças charruas.

Quando bordada pelas rendas de prata do luar, casa de monjolo é o altar sagrado da pátria nativista e o templo augusto do crioulisto, porque, se nessas noites, o cristão temente a Deus reza a oração da sua crença pura, sob o seu teto, embalado pela água que despeja a bica, ele esquecerá as suas penas e, em seu peito, acender-se-á, em rutilâncias de madrugada, o fogaréu da esperança, para novas caminhadas pela estrada da paz e da felicidade.

Estampa sertaneja, erguida aos fundos da fazenda, retiro ou galpão hospitaleiro, quase sempre a um grito da nascente mata-gosa, jamais se recolheu à mudez, porque durante o dia, numa orquestração de ternura, cantam em seu redor os pássaros esvoaçantes e, pela noite, numa sinfonia arrepiante e bárbara, chora e geme o urutau, e coaxa, incessantemente, a saparia, no bailado das trevas.

Se o vento sopra – ele que é o violino mágico do sertão – casa de monjolo ganha imponência, porque a música aragana, que vem em seu bojo, penetrando nas frestas da parede e na cumeeira protegida de zinco, faz a festa do enternecimento, do passado evocador e da saudade. Só quem não gosta de casa de monjolo é bicho-lobisomem, porque na velha e bruxesca crença, mão de monjolo esmagou, numa noite de sexta-feira, o lobisominho curioso, que foi olhar, no fundo do pilão, o milho que estava sendo socado para a canjica crioula.

(SEREJO, Hélio. *Casa de monjolo*. In: *Pialo bagual...: lendas, imagens do sertão, evocações tradicionalistas, fagulhas literárias, tradições campeiras*. Presidente Venceslau (SP); Curitiba (PR): Papelaria Requião, 1971.)





ASSOMBROS E ESPANTOS NA FANTASFERA NACIONAL

INGLÊS DE SOUZA (Óbidos – PA)

O gado do Valha-me-Deus

Qual gado, nem pera gado! Batemos tudo em roda, caminhamos todo o santo dia, e eu já dizia pra o Chico Pitanga que a fama do Espalha tinha espalhado a boiama, quando lá pelo cair da tarde fomos parar à ilha da Pacova-Sororoca, que fica bem no meio do campo, a umas duas léguas da casa-grande. (...) Bonita ilha, sim senhores, porém muito mais bonita era a vaca que lá encontramos, deitada debaixo de uma árvore, mastigando, olhando pra gente muito senhora de si (...). Não, senhores, não tinha nada de gado bravo a tal vaquinha, grande, gorda, roliça de fazer sela, negra da cor da noite, com um ar de tão boa carne que o diacho do Chico Pitanga ficou logo de água da boca, e vai-não-vai prepara laço para lhe botar nos madeiros, com perdão da palavra. (...) Ela, coitadinha, se empinou toda, deixando ver o peito branco, com umas tetinhas de moça, palavra de honra! (...) Olhem que corda tecida por mim é dura de arrebentar, pois arrebentaram ambas como se fossem linha de coser, só com um puxão que a tal vaquinha lhes deu, e vai senão quando com a força, cai a vaca no chão e fica espichada que nem um defunto. (...) A vaca estava morta e bem morta, como se a queda lhe tivesse arrebentado os bofes (...). O diacho da vaca, dando um estouro, arrebentou como uma bexiga cheia de vento, e em vez de aparecer a carne fresca, era espuma e mais espuma, uma espuma branca como algodão em rama, que saía da barriga, dos peitos, dos quartos, do lombo, de toda parte enfim, pois que a vaca não era senão ossos, espuma e couro por fora, e acabou-se (...). (...)

Eu nunca na minha vida passei nem hei de passar, com perdão de Deus, uma noite tão feia como aquela! (...) logo logo começou a boiada a uivar, paresque chorando a morte da maninha, que fazia um berreiro dos meus pecados, com a diferença que era um choro que parecia de gente humana (...).

Ainda dormimos aquela noite no campo, a outra e a outra, sempre seguindo durante o dia as pegadas dos bois, e ouvindo à noite a grande choradeira que faziam a alguns passos de distância de nós, mas sem nunca lhes pormos a vista em cima, nem um bezerro desgarrado, nem um vaquinha preguiçosa! (...) e o Chico Pitanga cada vez mais pateta, dizendo que aquilo era castigo por termos assassinado a mãe do gado (...).

(...)

Voltamos para trás, moidos que nem mandioca puba em tipiti, curtindo oito dias de fome da farinha e sede de aguardente, até chagarmos à fazenda Paraiso, e só o que eu digo é que: nunca encontrei gado que me desse tanta canseira.

(SOUZA, Inglês de, *O gado do Valha-me-Deus*. In: *Contos Amazônicos*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.)





ASSOMBROS E ESPANTOS NA FANTASFERA NACIONAL

HERBERTO SALES (Andaraí - BA)

O lobisomem

E aconteceu o seguinte:

De repente, com um frio correndo pela espinha lá dela, o filho ela não mais viu, naquele lugar; mas um bicho, menor que um bezerro e maior que um cachorro, os dois misturados no feitio, animal esquisito e orelhudo. Um sopro ela ouviu, que nem de fole, mas sendo de bicho resfolegando, continuado e feroz.

Lembrou-se das palavras da adivinha Honorina:

- Homem-bicho, bicho-homem, lobisomem.

E assim, no assopro, saiu o filho andando, de quatro, em bicho já transformado. Ia indo no rumo da cerca, que em conserto estava, no lugar onde havia uns mourões caídos, dando passagem para o areão. (...)

E quando para ela os dentes arreganhou, para atacá-la, Da Aninha fez o que lhe cumpria, na forma pela qual estava determinado. (...) e mais que depressa enfiou o espeto de pau no lugar onde pôde, que outro não alcançou senão aquele, que foi este: bem na altura da pema direita do bicho, que assim ferida sangrou.

Mal o sangue saiu, escorrendo pema abaixo, o dito bicho, com um gemido, estrebuchou-se, rápido e todo, como para tirar de cima de si uma coisa incômoda, um peso. E lobisomem já não sendo, por efeito do sangue derramado, tornou a virar gente, de novo feito em filho, tal e qual como era em antes.

(SALES, Herberto. *O lobisomem*. In: *O lobisomem e outros contos folclóricos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.)





JOSÉ ARRABAL (Mimoso do Sul - ES)

O incrível Famaliá do Coronel César Paiva

E por isso, em Januária, todos acreditavam que o coronel possuía, preso num garrafão, em segurança trancado no oratório de sua casa, na Fazenda São Felipe, um filhote de capeta, menor que mico de circo, espécie de talismã que bem protege seu dono, tradicional amuleto, na região conhecido como Famaliá. (...)

- Quem ensinou a astúcia ao caboclo Zeferino foi um tipo que era índio, um pajé aparentado de seu falecido avô. Para se conseguir um Famaliá dos bons, o sujeito tem que ter, primeiro, um ovo de galo, o que não é nada fácil!

Adiantava a receita, falando que o coronel levou dois anos inteiros criando duzentos galos, na Fazenda São Felipe, para obter esse ovo.

- Só depois de muito custo é que ele conseguiu!

Enfim, encontrou o ovo, por acaso e à noite, num sábado de aleluia. Era um ovo bem fresquinho, que tinha sido botado por um galo carijó. Um ovinho arredondado, feito de juriti - detalhava Seu Tatá. - Ai, no dia devido, que na verdade ignora, já que o caboclo, contido, se negou a me contar, seu César botou o ovo bem debaixo do sovaco que fica no braço esquerdo, o braço do coração, e ali chocou o trem. Por trinta dias seguidos, teve febre, calafrios, ficou de cama deitado, doente, desenganado, como sempre acontece no tempo da chocação, mas manteve o ovo lá, direitinho no lugar, até que o ovo estalou e o capetinha nasceu.

Completava seu Tatá que, nascendo o amuleto, o coronel melhorou e, logo, trancafiou o filhote de demônio num garrafão preparado, lavado com água limpa da fonte do São Francisco e com bebida secreta feita num alambique todinho de barro branco.

(ARRABAL, José. *O incrível Famaliá do Coronel César Paiva*. In: *Lendas brasileiras: Norte, Nordeste e Sudeste*. São Paulo: Paulinas, 2008.)



ASSOMBROS E ESPANTOS NA FANTASFERA NACIONAL

LEO CUNHA (Boicaiuva – MG)

O morto-vivo da colina verde

Tudo começou no dia do enterro do Zequinha. Bem no meio do velório, o danado se levantou do caixão, coçou aquela barbona preta que escorria pelo peito, e perguntou muito vivo:

- Como é que é, já serviram a janta?

Foi aquela gritaria, como você pode imaginar. Não fui só eu só não, tá pensando o quê? Foi todo mundo que estava ali. Teve mulher desmaiando prum lado, teve homem macho tombando pro outro, teve criança fazendo xixi na calça, teve velho engolindo a dentadura. O Zequinha? O Zequinha nem deu bola pro escarcéu. Desceu meio desengonçado, aliás quase caiu, que o caixão tava alto demais. Olhou prum lado, olhou pro outro, viu que não vinha garçom nenhum. (...)

Como ninguém mexesse um dedo pra buscar comida, o Zequinha enfiou a mão no bolso do paletó, catou alguma coisa que tava amassada da lá dentro e deu uma mordida bem dada.

- Hummm, que delícia! – ele lambeu os beiços.

(...) Naquela hora, se eu soubesse que era o ingrediente secreto da Poção de Afugentar a Morte, é claro que eu teria ficado de olho, pra descobrir. Mas eu nem sabia ainda da existência da poção, muito menos da existência do tal ingrediente secreto.

Quando reparei, o Zequinha já tinha saído pela porta do velório e caminhava preguiçosamente pra fora do cemitério. Com certeza ia em direção à colina verde, que era onde ele morava.

Acho que o Zequinha nem percebeu que ali, ao redor, estava cada um mais embasbacado que o outro. Todos tinham se preparado pra um velório com morto morrido, não é? E de repente o sujeito se levantava pedindo comida...

(CUNHA, Leo. *O morto-vivo da colina verde*. In: *Três terrores*. São Paulo: Editora Atual, 2007.)

Fotografia de Leo Cunha





LIA NEIVA (Rio de Janeiro - RJ)

O incrível caso do professor Antunes

- Que deserto, professor? Olha, por que não senta ao piano e toca uma valsinha? Garanto que vai se sentir melhor.
- Mas eu estou ótimo.
- Porém, está um pouco pálido. Vá tocando enquanto eu apanho o seu remédio lá dentro. E acho bom enfiar o casaco e cuidar da chiadeira, porque o frio tá brabo. (...)
- O silêncio foi quebrado pelo grito de Margarida; um grito trêmulo e espremido daqueles que chegam, à boca, raquíticos e depauperados e que só acontecem quando o ar do qual se nutrem é obrigado a forçar sua passagem por um percurso subitamente estreitado pelo terror. (...)
- Aiiiii!
- Foi um som terrível. Ouvidos treinados pelos embates da vida conhecem esses desabafos, que são arautos de alguma dor ou de aflição extrema (...)
- Professor! O senhor está esticado lá na cama, olhando o teto, completamente morto.
- Eu, morto? Que besteira!
- Está sim, professor! Está todíssimo morto. Eu acabei de ver. E não é de agora. Deve ter sido de noite. Ai, meu Jesus Cristo! Minha Nossa Senhora! (...)
- O professor calou-se e pareceu refletir.
- Sabe, Margarida, nós estamos vivendo um acontecimento muito, muito interessante. Eu sou uma assombração. Uma assombração que dá aulas de piano e é visível à luz do dia. Incrível!
- Virgem Maria! Desconjuro, seu Antunes! - A tranquilidade do mestre diante do acontecido foi demais, e Margarida desabou na entrada do corredor. Sua voz soava trêmula. - Assombração é coisa de cemitério; não aparece assim, sem mais nem menos, em casa de família de bem. (...)
- Pare de resmungar, mulher! Temos que pensar em uma boa desculpa para justificar o meu sumiço das ruas.
- Eu posso espalhar que o patrão está se dedicando de corpo e alma ao piano.
- De alma, Margarida! De alma! (...) Que sucesso ter a cidade inteira discutindo a meu respeito! O incrível caso do professor Antunes será um assunto palpitante; e eu, a maior celebridade de Ribeirão do Pato Preto. Ah, criatura, eu estou adorando ser fantasma!

(NEIVA, Lia. *O incrível caso do professor Antunes*. In: *Estranhas histórias*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2012)





ASSOMBROS E ESPANTOS NA FANTASFERA NACIONAL

MANUEL DE OLIVEIRA PAIVA (Fortaleza - CE)

O ar do vento, Ave Maria!

la a lua sumindo-se lívida, por trás de um cabeço onde se abria o roçado. Por entre as palhas do milho, — um mar de cobraria esverdeada, com reflexos de armas brancas em mãos de combatentes revoltos, — fervilhava um sopro álgido que sala roncando de sob a mata cavernosa das cercanias. (...) Palavra que me arrependia daquela caçada. (...) Me lembrava de que, se visse uma onça, era só enlugar na esquerda o chapeirão e meter-lhe pela boca adentro, enquanto com a destra lhe furasse corajosamente o coração com uma facada. (...)

De repente ouvi quebrar mato e estremei todo. Perguntei a mim mesmo: "Pois veado faz medo assim?"

Entretanto o ruído não procurava o roçado, como faria o cervo, para furtar milho; mas entranhava-se para o meu lado.

Pus-me debruços, com a espingarda por baixo de mim e o dedo no gatilho. Os meus olhos apavorados farejavam a direção da caça. Mas, diabo! veado faz medo assim? No tronco encovado de uma embaúba, cessou o movimento; e em seguida vi perfeitamente um bicho que, se espojando, rosnavia, grunhia, relinchava, berrava...

- Fogol - gritei eu no meu silêncio de horror.

Asneira! Estou em presença mas é de uma visage!

Por fim o monstro arrancou numa carreira furiosa pelo ventre da floresta, e então parecia arrastar milheiros de correntes, de latas, de caixões ocios, e relinchava com o estridor anudante de uma locomotiva.

- Burra sem cabeçal cochichei eu, todo encolhido, os cabelos em pé as mãos entre as pernas apertando o cano da espingarda, o nariz com um arrocho, e os olhos porejando lágrimas de morte.

Entretanto, vi que o bicho tinha deixado uma coisa no chão. O que será? (...)

O que o bicho deixara no tronco da embaúba, era justamente uma cabeça de mulher, com o rosto enterrado. Suspendi-a pelos cabelos e ela fez umas caretas horrorosas... Larguei-a de repente no chão, como quem solta uma brasa e corri. Por acaso voltei o rosto e vi que a face daquela cabeça hedionda tinha ficado para cima. Estava eu, portanto, desgraçado; o bicho, quando viesse, talvez por descuido, engonçaria a cabeça assim invertida. E me seguirá a pista, porque ele ficará desesperado... visto que as visages devem ter também as suas leis e os seus logros.

Felizmente alcancei a estrada. (...)

Ao amanhecer, me achei deitado no copilá de uma fazenda, e perguntei ao primeiro passante que vinha da vila:

- A amásia do vigário teve alguma coisa, amigo?

- Um aquilero dos diabos, seu moço! Dizem que ela amanheceu com a cabeça torta! (...)

E o vaqueiro da fazenda, que acabava de endilhar o seu cavalo de campo, foi montando e dizendo:

- O que a mulher tem é o ar do vento...

- Ave Maria - conduiu o outro se benzendo.

(PAIVA, Manuel de Oliveira. *O Ar do vento, Ave Maria!* In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.)



ASSOMBROS E ESPANTOS NA FANTASFERA NACIONAL

MONTEIRO LOBATO (Taubaté - SP)

Depoimento do senhor João Silva

Quando nos encontramos à beira de um córrego que cortava a estrada, o moleque firmou-se no pau e soltando uma risada prolongada, saltou por cima de mim e do cavalo, gritando: 'sa ci-saci'. Nessa ocasião como que despertando de um sonho mau estremei-me todo, e olhando para trás e não vendo ninguém, fustiguei o cavalo e em poucos minutos estava em casa. (...)

Em 1900, tendo morrido meu pai, liquidamos tudo em Silveiras e viemos para São Paulo.

Aqui morávamos na rua da Abolição e eu já estava bem taludo. Uma noite em que não pude conciliar o sono, altas horas, senti passos no meu quarto; olhei e vi um vulto, em forma de um urso-negro, peludo, caminhar em direção ao meu leito. Tive muito medo, quis chamar por minha mãe, que é sempre quem se chama nos momentos de aflição, e não pude. O urso chegou-se até o meu leito, deitou-se comigo e disse: - 'Não tenhas medo; sou o Saci, mas agora em forma de urso'. E ali ficou. Este fato reproduziu-se por mais de um mês sem interrupção. Por fim eu já estava familiarizando com aquela companhia diabólica, mas realmente inofensiva.

Uma noite o meu companheiro (urso e diabo ao mesmo tempo) chegou mais cedo e eu também adormeci mais cedo ao contato daquele pelo negro e macio; quando acordei estava só.

Na noite seguinte não veio e nunca mais me apareceu. Nunca mais me apareceu, mas eu receio que ele se tivesse encarnado no meu corpo... Bonito se eu fiquei com o diabo no corpo!...

(LOBATO, Monteiro. *Depoimento do senhor João Silva*. In: *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008.)

Ilustração de Rodrigo Rosa



RICARDO AZEVEDO (São Paulo – SP)

O moço encantado pelo Corpo-sem-alma

Num esforço descomunal, o Corpo-sem-Alma arreganhou os dentes e saltou da cama.
O rapaz atirou o ovo na testa do monstro.
Um estrondo espantoso cresceu no ar.
Uma fumaça de enxofre e veneno tomou conta de tudo.
As paredes da gruta começaram a despençar.
Foguetes espocavam.
Ratos escuros fugiam feito loucos.
Morcegos passavam em ziguezague.
Lesmas, cobras e aranhas pululavam no chão e viravam pó.
Quando o Corpo-sem-Alma esticou as canelas e morreu, a gruta virou um palácio prateado com muralha de pedra e quatro torres.
Os feitiços, parece, desencantaram para sempre.

(AZEVEDO, Ricardo. *O moço encantado pelo Corpo-sem-Alma*. In: *Contos de espanto e alucinação*. São Paulo: Scipione, 2005.)

SIMÕES LOPES NETO (Pelotas – RS)

A Mboitatá

Como a boiguaçu não tinha pelos como o boi, nem escamas como o dourado, nem penas como o avestruz, nem casca como o tatu, nem couro grosso como a anta, vai, o seu corpo foi ficando transparente, transparente, dareando pelos miles de luzezinhas, dos tantos olhos que foram sendo esmagados dentro dele, deixando cada qual sua pequena réstia de luz. E vai, afinal, a boiguaçu toda já era uma luzerna, um clarão sem chamas, já era um fogaréu azulado, de luz amarela e triste e fria, saída dos olhos, que fora guardada neles, quando ainda estavam vivos.

Foi assim e foi por isso que os homens, quando pela primeira vez viram a boiguaçu tão demudada, não a conheceram mais. Não conheceram e julgando que era outra, muito outra, chamam-na desde então, de boitatá, cobra do fogo, boitatá, a boitatá! (...)

E os homens, por curiosos, olhavam pasmados, para aquele grande corpo de serpente, transparente - tatá, de fogo- que media mais braços que três laços de conta e ia aluminando baçamente as carquejas... E depois, choravam. Choravam, desatinados do perigo, pois as suas lágrimas também guardavam tanta ou mais luz que só os olhos e a boitatá ainda cobriçava os olhos vivos dos homens, que já os das carniças a enfaravam. (...)

A boitatá vem acompanhando o ferro da argola... mas de repente, batendo numa macega, toda se desmancha, e vai esfarinhando a luz, para emulitar-se de novo, com vagar, na aragem que ajuda.

Campeiro precatado! Reponte o seu gado de querênda da boitatá: o pastiçal, aí, faz peste... Tenho visto!

(LOPES NETO, Simões. *A Mboitatá*. In: *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 2004.)





ASSOMBROS E ESPANTOS NA FANTASFERA NACIONAL

TIAGO DE MELO ANDRADE (Uberaba – MG)

Carne quebrada

Quem acreditou que ia poder comer palmito tranquilo, com Dedé comendo grama pela raiz, se enganou redondo. Nem depois de morto, o ecologista deixou de lado sua militância ecológica... Fantasma começou a assombrar enlatados, dispensas e gôndolas de supermercado. Fugido do purgatório, Dedé continuou protegendo o verde de sua terra. Deu de assombrar todo mundo que comesse as plantas que tanto defendia. Era coisa certa! Se o patriota comesse palmito, à meia-noite podia esperar a aparição da alma penada inscrita no Partido Verde. Surgia do nada e dava uma sova no comedor de palmeiras.

Pior era que, onde quer que o espectro batia a mão maldita, não nascia mais pelo. Floralva Penacho foi atacada pela mão da assombração e ganhou uma carequinha redonda, de frade capuchinho, no topo da cabeça.

Nem a delegacia o espírito do ecologista respeitou, pois atacou o escrivão que tirava um cochilo na cadeira do delegado, à hora do plantão. Onório, adorava caçar guarirobas novas pelo mato adentro e nem mesmo depois de alertado acerca do malogro descaído sobre a palmitagem, não desistiu de sentir o amarguinho de seu miolo. O homem que era forrado de pelos igual um chipanzé de circo, depois da tunda fantasmagórica que levou nas platibandas inferiores, ficou de aspecto parecido com os babuínos, aquela espécie de macaco que tem as nádegas depiladas e vermelhas.

(ANDRADE, Tiago de Melo. Carne quebrada. São Paulo: Melhoramentos, 2011.)





ASSOMBROS E ESPANTOS NA FANTASFERA NACIONAL

Ficha Técnica

Curadoria
Adriano Messias

Governador do Estado de Minas Gerais
Antonio Augusto Anastasia

Vice-Governador
Alberto Pinto Coelho

Secretaria de Estado de Cultura
Eliane Denise Parreiras de Oliveira

Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais
Aurea Eloisa Godinho Piacesi

Diretoria do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais
Michelle de Paula Machado Venuto

Designer Gráfico
Luciana Lima